

como Cipriano Barata. Mas enquanto o primeiro, desde o início, enquadra-se na situação, a que serve incondicionalmente, recebendo dela sucessivas mercês e nomeações; também desde cedo, por temperamento e por inclinação liberal, o segundo revela a sua posição inconformista.

Silva Lisboa percorre a escala dos empregos: titular da cátedra de Filosofia Racional e Moral, secretário da Mesa de Inspeção das Rendas da Bahia, diretor da Imprensa Régia, desembargador da Relação da Bahia, deputado da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação do Estado do Brasil, — em consequência, partidário, como publicista, da harmonia entre Portugal e o Brasil, defensor da política de D. João e, depois, da de D. Pedro I, sempre da monarquia, das instituições, da ordem, do Estado, dos interesses da classe dominante. Cipriano Barata, ao inverso, percorre a escala da agitação: “instigador de depravadas paixões entre os rústicos povos”, responsabilizado como participante da Conjuração Baiana de 1798, acusado como envolvido na rebelião pernambucana de 1817, defensor dos interesses brasileiros nas Cortes de Lisboa, recusando assinar a Constituição portuguesa e transferindo-se à Inglaterra por isso. Tudo o que fazia Silva Lisboa, mas em sentido contrário.

Reacionário tremendo, sempre em contradição com os interesses do povo, Silva Lisboa não ultrapassou, nas reformas que propôs, o nível da liberdade comercial que a sua anglofilia explicava. “Bulhento, rixoso e autoritário”, seria o defensor da conciliação entre a metrópole e a colônia, admirador de Burke, o inimigo da Revolução Francesa, adversário das idéias democráticas, achando o *Contrato Social* uma espécie de “quinta essência do sublimado corrosivo”. Quando se agitou a idéia do confisco dos bens de mão morta, saiu a campo, escandalizado. Tímido, na fase da Independência, inimigo da solução democrática, escrevia: “Rousseau, Condorcet, Mirabeau e Mably não são os meus homens”, e pregaria contra a Confederação do Equador, contra as idéias federalistas, partidário do respeito ao imperador, à Constituição outorgada, a tudo o que contribuísse para manter a ordem vigente, em suma. Esse “charlatão idoso”, no dizer de José Bonifácio, acabou, sendo censor, vítima da primeira apreensão de publicação ocorrida no país e levou à velhice os seus princípios retrógrados e perturbadores do processo da autonomia, processo em que foi, sem dúvida, a voz dos velhos interesses coloniais, a que serviu com dedicação e também com a pertinácia de seu espírito brigão e espantado, capaz de deformar argumentos e idéias.

Enquanto isso, Cipriano Barata, deputado na metrópole, mantinha-se, em meio hostil, fiel à tendência de separação do Brasil; eleito pela Bahia à